

SABOR E AFETO: A ARTE DO PLANTAR, COLHER E PREPARAR

Gabrielle Aparecida dos Santos Ventura

RESUMO

Este percurso investigativo se deu a partir de uma proposta inicial de estudo sobre as plantas e a necessidade de água. As crianças formularam hipóteses, planejaram experimentos e registraram observações ao longo de dois meses. O interesse cresceu, levando à implantação de novos plantios, à observação temporal, ao registro gráfico e à busca de informações para ampliar o conhecimento sobre cultivo e cuidados. A pesquisa integrou o levantamento de hipóteses, a experimentação, o registro de mudanças e o monitoramento temporal; a exploração de práticas de manejo de plantas e colheita, com foco no manjerição, incluindo técnicas de poda e uso das folhas na culinária; e a construção de compreensão sobre a noção de eu, outro e mundo, com ênfase em autonomia, cooperação e participação. As atividades foram orientadas pelos eixos de Interações, Brincadeiras e pelos direitos de aprendizagem da Base Nacional Comum Curricular: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Os conceitos foram embasados, entre outros, por teóricos como Loris Malaguzzi e Lella Gandini. O percurso possibilitou que as crianças compreendessem a importância da água para o crescimento das plantas, de modo que pudessem observar as diferenças entre plantas regadas e não regadas e refletir sobre outros fatores que também influenciam nesse processo. Expandiram o conhecimento sobre cultivo, manejo de ervas e usos culinários do manjerição, incluindo estratégias de colheita no “nó” do caule para estimular novas ramificações. As propostas favoreceram a temporalidade, o cuidado, o compartilhar e a escuta, com participação significativa de pais e colegas. Por fim, o percurso evidenciou a eficácia de abordagens pedagógicas ativas, centradas na criança e ancoradas na Base Nacional Comum Curricular, promovendo autonomia, investigação, linguagem oral e socialização. O envolvimento com atividades práticas de cultivo e reflexão contextualizou a aprendizagem científica de maneira significativa e participativa.

Palavras-chave: Autonomia; Investigação; Protagonismo; Hipóteses.

Introdução

O processo de aprendizagem na educação infantil acontece por meio de interações, explorações, investigações, estudos, observações e vivências diversas sobre um determinado tema. A criança é convidada a descobrir diferentes materiais e materialidades, a experimentar situações e sensações que favoreçam a observação atenta, contribuindo para a construção de hipóteses e percepções sobre o mundo em que está inserida. Esse processo ocorre por meio de vivências que possibilitam a experimentação, a investigação, a participação e o convívio, por intermédio da

organização de contextos que instiguem e despertem a curiosidade gerando questionamentos. Essa busca por informações e respostas contribui para o desenvolvimento de diferentes habilidades, para o levantamento de dados, favorecendo a socialização e a oralidade.

A partir dos eixos estruturantes da educação infantil, que são as interações e as brincadeiras, fundamentados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a qual estabelece seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento — “Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se” —, e inspirados na abordagem de Reggio Emilia, prezamos por propiciar experiências e vivências em que a criança possa realizar descobertas significativas. Desse modo, o educando se torna protagonista do seu processo de aprendizagem, sendo ouvido e considerado efetivamente em relação a suas escolhas, suas necessidades e seus interesses individuais e coletivos.

Neste percurso investigativo, foram desenvolvidas propostas de levantamento de hipóteses e a testagem com experiências e pesquisas sobre onde plantar, o que precisamos para esse plantio, a plantação das sementes e mudas, o registro em forma de desenho sobre o processo e a observação das mudanças. As crianças quiseram aprender mais sobre o controle do processo de crescimento. Para isso, foi feita uma tabela e um desenho com os dias observados e como as plantas estavam nesses dias, para que pudessem perceber a temporalidade e as diferenças entre o plantio, o cultivo e a colheita.

Além disso, a BNCC diz:

“[...] a Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações” (BNCC, p. 43).

Ao ampliar esse estudo para a plantação de outras ervas e sementes e para o cuidado em regar, as crianças foram percebendo que algumas plantas morreram e outras cresceram. Algumas hipóteses foram levantadas, como “regamos demais” ou “regamos pouco”. A presença de mosquitos e larvas contribuiu para outros questionamentos, como a ideia de que esses seres estavam se alimentando das plantas e, por isso, elas estavam morrendo.

Os educandos sentiram a necessidade de pesquisar mais para ampliar seus

conhecimentos acerca dos cuidados e para buscar respostas para as hipóteses do porquê algumas plantas morreram e o que poderiam fazer para evitar que as outras não morressem.

Desenvolvimento

Este percurso investigativo teve por objetivo provocar nas crianças a dimensão do eu, do outro, do mundo e dos cuidados para consigo e com o mundo.

O processo emergiu de um projeto sobre plantas, em que os educandos levantaram hipóteses acerca de as plantas necessitarem de água para viver ou não. Alguns alunos criaram a hipótese de que elas não precisam desse recurso natural. Outros mencionaram o Sol, assumindo-o como suficiente para que elas vivessem. No entanto, não conseguiram justificar essas ideias nem responder plenamente às próprias dúvidas.

Diante disso, foram lançadas aos grupos perguntas sobre o ato de plantar. Eles trouxeram como conhecimentos prévios que precisaríamos de um vaso, de terra e de sementes. Loris Malaguzzi, respondendo a Lella Gandini, diz-nos que “[...] gostaria de salientar a participação das próprias crianças: elas são capazes, de um modo autônomo, de extrair significado de suas experiências cotidianas através de atos mentais envolvendo planejamento, coordenação de ideias e abstrações” (Malaguzzi, 2016, p. 85). Foram feitas experiências para testar as hipóteses iniciais. Plantamos sementes de morango em dois potes, um que iríamos regar e outro que não regaríamos. Ao longo de dois meses, as crianças regaram apenas um dos vasos e registraram em forma de desenho o que era observado nos dois, se ocorreram mudanças ou não.

Além disso, Loris Malaguzzi (2016, p. 72) afirma:

[...] em muitas situações, especialmente quando se estabelece desafios, as crianças mostram-nos que sabem como caminhar rumo ao entendimento. Uma vez que as crianças sejam auxiliadas a perceber a si mesmas como autoras e inventoras, uma vez que sejam ajudadas a descobrir o prazer da investigação, sua motivação e interesse explodem. Elas começam a esperar discrepâncias e surpresas.

Isso se confirmou com o interesse do grupo em plantar, que foi tão grande que, para ampliar os conhecimentos sobre as plantações e os cuidados, plantamos outras sementes e mudas para acompanhar esse processo e realizar descobertas.

A planta que cresceu e se desenvolveu ao longo do processo foi o manjeriço. Então, o grupo decidiu começar a pesquisar mais sobre ela, sobre como cuidar para que continuasse crescendo. Assistiu a vídeos instrucionais de como podar e colher a muda de manjeriço e buscou informações sobre o que poderia fazer com as folhas colhidas. Descobriu que, para o manjeriço continuar crescendo, era necessário colher suas folhas, tirar aquelas que estavam secas e com a coloração amarronzada. Pesquisou a forma de colher para não matar a planta e descobriu que tem de colher no que o grupo identificou como o “nó” do caule, para que cresçam outras ramificações e o manjeriço não morra.

Como os educandos realizaram a colheita, pesquisaram onde poderiam usar essas folhas para não jogar fora. Viram que elas podem ser usadas na culinária, para temperar, preparar molhos e chás. Por escolha pessoal, por gostar muito de macarrão, escolheram fazer o molho pesto, pois sua base é o manjeriço.

Considerações

Este artigo possibilitou reflexões sobre a importância de promover um trabalho pedagógico atento para o desenvolvimento de habilidades de autonomia, escuta e investigação. No decorrer de todo o processo, foram observadas variáveis importantes. No primeiro momento, quando os questionamentos iniciais foram levantados e a primeira experiência de colocar água em um vaso e no outro não foi realizada, o grupo observou e concluiu que as plantas precisam da água para crescer, pois o recipiente em que não colocou água não cresceu, enquanto o que regou apareceu um caule.

Ao final deste percurso, percebeu-se que o grupo testou suas hipóteses iniciais sobre as plantas necessitarem de água para sobreviver, ampliou seus conhecimentos acerca do plantio, cuidados e usos de ervas, principalmente do manjeriço, e participou de vivências significativas com os pais e colegas. Ademais, as crianças se aproximaram de conteúdos importantes para seu desenvolvimento pedagógico, como a temporalidade, o cuidar, o partilhar, o conviver, o escutar e tantos outros conceitos importantes.

Referencial:

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em 24/11/2024.

CAVALLINI, Ilaria; TEDESCHINI, Maddalena. As linguagens da comida: receitas, experiências, pensamentos. São Paulo: Phorte, 2015.

EDWARDS, Carolyn.; GANDINI, Lella.; FORMAN, George. As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2016. OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia.; PASCAL, Cristiane. Documentação pedagógica e avaliação na educação infantil: um caminho para a transformação. Porto Alegre: Penso, 2019.

TAILLE, Y. D. L., Oliveira, M. K. e Dantas, H. Piaget, Vygotsky e Wallon. Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.